

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E A VOCAÇÃO DE CRIAR MARCAS DE DISTINÇÃO PARA A CIDADE

Autor, Pedro Henrique Faria Machado. Orientador: Maura Pardini Bicudo Vêras

¹ PUC-SP/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais
Email: pehfmachado@gmail.com

Resumo – Este artigo tem como objetivo apresentar as fases da cidade de São José dos Campos a partir da virada do século XX, quais sejam “sanatorial”, “industrial” (ou polo tecnológico aeroespacial) e fase de “inovação tecnológica”, ou como nós denominamos, “empreendedora”. Através de apropriações conceituais de David Harvey, entende-se que o forjamento das fases da cidade de São José dos Campos busca fundamentar, através do Capital Simbólico Coletivo, reivindicações de singularidades que resultem em rendas de monopólio para a cidade, tanto por construções e embates discursivos, quanto por fatos materiais

Palavras-chave: CIDADES. RENDA DE MONOPÓLIO. CAPITAL SIMBÓLICO COLETIVO. SÃO JOSÉ DOS CAMPOS.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas – Sociologia

Introdução

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, na área das ciências sociais, onde se busca com como bases em construções sociais e estratégias discursivas das décadas de 1990 e 2000, relacionar a atual “fase empreendedora” da cidade de São José dos Campos com sua pobreza. Em pesquisa para a tese, ao se identificar a atual fase vivida pela cidade, percebeu-se que a São José dos Campos, desde a virada do século XX é marcada por fases bem definidas, quais sejam a “sanatorial”, “industrial” (ou polo tecnológico aeroespacial) e agora a fase de “inovação tecnológica” (MANOLESCU & KROM, 2008, p. 157), ou como nós denominamos, “empreendedora”. Mais do que uma simples identificação, percebeu-se que o forjamento dessas fases busca fundamentar reivindicações de singularidades que resultem em rendas de monopólio¹ para a cidade.

David Harvey (2014) desenvolve muito bem a relação entre o poder do capital simbólico coletivo² - como marcas distintivas de determinados locais, com a possibilidade de certas localidades captar rendas de monopólio. O objetivo desse artigo, porém, não é o de explorar esses conceitos, mas trazê-los como possibilidade de análise das fases de São José dos Campos.

São José dos Campos, cidade com aproximadamente 670 mil habitantes, está localizada no cone leste paulista, integrando a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN), ainda é referência nacional como polo tecnológico aeroespacial. No ano de 2010, apresentava o 8º maior PIB do estado (IBGE, 2010), apesar de praticamente metade de sua população (48%) ter rendimentos que cheguem a, no máximo, um salário mínimo (Idem). Ainda no ano de 2010, aparece na 24ª posição, dentre 5566 cidades brasileiras, no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Por outro lado, segundo o coeficiente GINI, um indicador de desigualdade, a cidade figura entre as 20% mais desiguais do país, ocupando a 4618ª posição. Apresenta, a partir da década de 1960, taxas de urbanização e crescimento demográfico acima da média nacional e do estado de São Paulo.

Metodologia

Para esse recorte, foram consultados jornais artigos científicos, teses, dissertações, legislações e documentos variados. Este artigo não discute especificamente a apropriação dada por David Harvey

¹ “As qualidades especiais, a singularidade, a exclusividade, a especificidade, a particularidade, o maior, o melhor, o especial, o diferenciado, o único, o belo, a localização privilegiada, a autenticidade etc. conferem capacidade de captar rendas de monopólio através de uma marca de distinção” (HARVEY, 2014, p. 192)

² Bourdieu cria e restringe o termo “capital simbólico” a indivíduos. Harvey (2014, p. 193) utiliza-se desse conceito extrapolando-o para o coletivo.

(2014) aos conceitos de Capital Simbólico Coletivo e à Rendas de monopólio, mas apresenta as diversas fases da cidade, a partir do século XX, tendo esses conceitos como fio condutor.

Discussão

Cidade Sanatorial

Seguramente, o forjamento da cidade sanatorial foi uma saída para São José dos Campos superar a crise econômica vivida na virada do século XX (ALMEIDA, 2008; PAPALI, ZANETTI, 2010; PMSJC, 2006). Para isso, criou-se uma marca de distinção para a cidade, ou Capital Simbólico Coletivo, em torno de seu suposto “bom ar” para o tratamento da tuberculose, por meio de divulgação em almanaques³ e jornais⁴ (ALMEIDA, 2008, p. 53), atraindo um grande número de doentes para a cidade – chega a 10% da população urbana em 1938 (VIANNA & ELIAS, 2007, p. 1299).

Um dos símbolos dessa fase é o Sanatório Vicentina Aranha, inaugurado em 1924, tornando-se o maior sanatório para tratamento da tuberculose da América Latina. Em 1926 a cidade cria seu brasão com os dizeres “generosos são os meus ares e a minha terra”.

O forjamento da cidade sanatorial, pela sua singularidade, possibilitou uma margem monopolista para São José dos Campos atrair um maior fluxo de receitas relacionadas à tuberculose, a ponto de, em 1930, o prefeito sanitário dr. Jorge Rui Dória declarar: “não precisamos de máquinas. Isso é para Taubaté e Jacareí. Precisamos é de doentes [...]. Essa é a nossa indústria” (BONDESAN, 1996, p. 31).

Outro importante marco dessa fase foi, em 1935, a titulação de São José dos Campos como Estância Climatérica e Estância Hidromineral, outra clara marca de distinção para a cidade, “graças a um processo reconhecidamente forjado, visto que a cidade não dispunha das características mínimas para tal” (VIANNA, 2004 apud ALMEIDA, 2008, p. 135). Com esse processo, endossado pelos médicos influentes da cidade⁵, São José dos Campos opta pela perda de autonomia de escolha de seus prefeitos (já que esses passam a ser nomeados pelo governo estadual) para assegurar recursos extras provenientes do estado via Fundo de Melhorias das Estâncias (FUMEST), possibilitando investir em sua debilitada infraestrutura para continuar a receber os doentes e se modernizar (ALMEIDA, 2008; PAPALI; ALMEIDA, 2010).

Na década de 1940, o Capital simbólico Coletivo forjado em sua fase sanatorial é enfraquecido, quando o tratamento da tuberculose passa a ser ambulatorial com o advento da penicilina. Ainda, até meados de 1950, apesar de incentivos por parte do poder público, instalam-se na cidade apenas algumas pequenas fábricas dedicadas a bens não duráveis, em um processo chamado de primeira industrialização” de São José dos Campos (SANTOS, 2006, p. 41; MANOLESCU & KROM, 2008, p. 158). Entra em declínio a fase sanatorial de São José dos Campos.

Polo Tecnológico Aeroespacial

A chamada “segunda industrialização” de São José dos Campos (SANTOS, 2006, p. 48) ou período de “consolidação do processo industrial”⁶ entre 1950 e 1990 (MANOLESCU & KROM, 2008, p. 158), é possibilitada por uma série de fatores.

Pode-se destacar a infraestrutura criada em sua fase sanatorial, assim como a manutenção da mão de obra na cidade, sua topografia e localização, entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, ligadas pela Rodovia Presidente Dutra (1951) – que corta a cidade ao meio. Também é importante a

³ Segundo Maria Coleta Oliveira, os almanaques “propunham informar sobre as características da vida social e econômica das localidades registrando, muitas vezes, com indisfarçável tom ufanista, o cotidiano das cidades do interior paulista” (MEYER, 2001, p. 23).

⁴ O jornalista Napoleão Monteiro, futuro vereador e idealizador dos Almanques, por exemplo, recebeu financiamento da “Comissão de Finanças e Justiça” da cidade (ALMEIDA, 2008).

⁵ Ver “Boletim Médico” (SOARES, 1933). Entre 1905 a 1930, de 35 prefeitos, 29 foram médicos.

⁶ Para Manolescu e Krom (2008, p. 158) (2008, p. 158), nesse período a cidade passa por um processo de desenvolvimento exógeno, com o planejamento e a intervenção conduzidos pelo Estado Nacional, atraindo projetos ou investimentos vindos de fora da cidade

instalação da linha de transmissão de energia elétrica da Light (1946) e a criação da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN em Volta Redonda e Barra Mansa, colocando o Vale do Paraíba em foco. A escolha de São José dos Campos (que doou um grande terreno) para receber o Centro Técnico Aeroespacial (CTA), em 1951, com foco em pesquisas aeronáuticas, integrando o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), dedicada à engenharia aeronáutica, também foi de fundamental importância para a cidade. Em 1961, estabelece-se também lá o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), com pesquisas dedicadas às ciências espaciais. Um grande número de empresas passam a se instalar na cidade com destaque para transnacionais (décadas de 1950 e 1960), aeronáuticas e bélicas (década de 1960), aparelhos elétricos e eletrônicos (década de 1970), refinaria de petróleo (década de 1980), empresas de telecomunicações (década de 1990). Já a década de 2000 é marcada pela instalação de empresas relacionadas à inovação tecnológica e prestadoras de serviço.

A industrialização de São José dos Campos, não ocorre de maneira espontânea. Percebe-se, no decorrer deste processo, a apropriação de um novo Capital Simbólico Coletivo, agora com vistas a tornar São José dos Campos polo tecnológico aeroespacial. Para tanto, desfaz-se a “marca” sanatorial da cidade:

[...] os joseenses desejam “esquecer” de modo definitivo esse período [sanatorial], orgulham-se de ter conseguido expulsar do centro as casas que recebiam doentes, apreciam afirmar que a cidade se transformou de maneira radical e nada mais conserva das características anteriores (PMSJC, 1961: II, 7.i, g.n. apud ALMEIDA, 2008, p. 178).

No mesmo sentido, diz Vianna:

A cidade que se representa tecnológica e se revela provinciana é fechada sobre si mesma e sobre a imagem que construiu e que reproduz cotidianamente [...]. Considerada nos textos institucionais e não institucionais como tendo se desenvolvido de fato com a industrialização, a cidade tende a negar seu passado sanatorial ou dele lembrar com pesar ou romantismo (Vianna, 2004, introdução).

Em conformidade com esses autores, percebe-se que diversos símbolos da cidade sanatorial foram sendo destruídos ou substituídos por símbolos relacionados à indústria e tecnologia, como o caso do Parque Santos Dumont, construído em 1971 sobre as ruínas do santatório Ezra, hoje exibindo réplicas de aviões e foguetes: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”, como bem disse Walter Benjamin (1987, p. 227).

No ano de 1960, São José dos Campos cria a sua bandeira, tendo em seu centro uma engrenagem, em referência à sua “vocação industrial”. Outro símbolo apropriado pela cidade é o avião – referência à indústria aeronáutica representada, principalmente, pela EMBRAER. Presente em praticamente todos os materiais de divulgação da prefeitura municipal, chega a compor o logotipo oficial, da cidade no ano de 2004 (MIURA, 2006, p. 80-92). Nesse sentido, diversas ações governamentais de marketing passam a promover a “cidade progresso”, com propagandas em rede nacional, outdoors, rádios etc. (idem, idem)

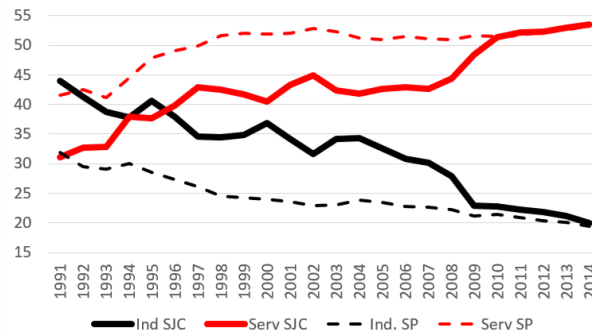
O esforço em promover o polo tecnológico aeroespacial também pode ser visto nos planos diretores locais⁷. Em seu segundo Plano Diretor (PDDI), criado entre 1968 e 1971, são encontrados diretrizes como: “estimular o desenvolvimento econômico de forma a consolidar a **posição de polo da região do Vale do Paraíba**” e “Permanente colaboração para que o município mantenha a sua posição de **principal centro da indústria aeronáutica do país**” (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 1971, grifos do autor). O esforço em criar sinergia em torno da cidade como polo tecnológico aeroespacial, possibilitou à cidade, atrair e acumular rendas de monopólio dessa sua especificidade.

A virada da década de 1980/1990, porém, é marcada por uma intensa crise econômica no país. Diversas indústrias de São José dos Campos passam a fazer demissões em massa, inclusive um dos símbolos da cidade, a EMBRAER, que entre 1989 e 1996 demite 9.254 funcionários (ZULIETTI, 2006, p. 118, 160). Apesar do número de indústrias seguir crescendo no município durante a década de 1990, há uma inversão na curva de empregabilidade da indústria e serviço em São José dos Campos, como pode ser visto no Gráfico 1, chegando a apresentar, a partir de 2010, um padrão

⁷ São José dos Campos conta com 4 Planos Diretores, o primeiro se inicia em 1967 devido à sua condição de Estância Hidromineral.

similar ao do estado de São Paulo⁸. O capital simbólico coletivo em torno do polo tecnológico aeroespacial entra em crise.

Gráfico 1 – % Mão de obra empregada em São José dos Campos



Fonte: Fundação SEADE (2016)

Cidade Empreendedora

Para Manolescu e Krom (2008, p. 157), a partir da década de 1990, São José dos Campos entra em sua “fase de inovação tecnológica”, caracterizada por um desenvolvimento endógeno⁹. Aqui chamaremos essa nova fase, ainda em processo de consolidação, de “polo tecnológico aeroespacial empreendedor” ou, simplesmente, “fase empreendedora”.

A impossibilidade em sustentar sua condição de “polo tecnológico aeroespacial” é refletida já no terceiro Plano Diretor da cidade, transformado em lei no ano de 1995. Se por um lado mantém as preocupações com o polo tecnológico aeroespacial, por outro há a preocupação em “Incentivar a implantação de **pequenas e microempresas**” e “Fortalecer o **setor terciário no Município**” (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 1995, grifos do autor).

A preocupação em atrair rendas de monopólio, destacando-se na concorrência entre as cidades que desejam atrair investimentos, é por fim explicitada no PDDI-2006 de São José dos Campos, tendo objetivos e diretrizes como: “Aumentar a **competitividade regional**” e “consolidar a implantação do Parque Tecnológico [...] com o objetivo de aumentar a **competitividade do Município e das empresas locais**” (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2006. Grifos do autor). Nesse sentido, segundo Carlos Vainer:

[...] se durante longo período o debate acerca da questão urbana remetia, entre outros, a temas como crescimento desordenado, reprodução da força de trabalho, equipamentos de consumo coletivo, movimentos sociais urbanos, racionalização do uso do solo, a nova questão urbana teria, agora, como nexos central, a problemática da competitividade urbana. (VAINER, 2011, p. 76)

O PDDI-2006 também expõe a preocupação em estimular negócios “[...] que se enquadram nas **vocações do Município**” e “Fortalecer e difundir a **cultura empreendedora**” (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2006. Grifos do autor).

A respeito do empreendedorismo, esse passa a ser um discurso constante nas falas dos principais gestores públicos da cidade¹⁰. Emanuel Fernandes (prefeito entre 1997-2000 e 2001-2004) diz em entrevista à Ricardo Julio (2008): “[...] Tem ainda o lado empreendedor, que a gente procurou construir como valor cultural da cidade: é uma cidade de empreendedores, de oportunidade”,

⁸ Uma hipótese, que requer maior aprofundamento, é a de que parte da população demitida na década de 1990 passou a prestar serviço para as grandes indústrias já instaladas, em um processo conhecido como terceirização.

⁹ Segundo Manolescu e Krom (2008, p. 157), o desenvolvimento endógeno “parte das potencialidades da organização socioeconômica da região ou local [...], também chamado desenvolvimento de baixo para cima [...], consequência de iniciativas, atitudes e comportamento da sociedade local”.

¹⁰ Diversas ações no sentido de criar uma “cultura empreendedora” na cidade levaram os ex-prefeitos Emanuel Fernandes (prefeito entre 1997-2000 e 2001-2004) e Eduardo Cury (prefeito entre 2005-2008 e 2009-2012) a ganharem o chamado “Prêmio Prefeito Empreendedor Mário Covas”/ “Prêmio Prefeito Empreendedor”, promovido pelo SEBRAE, em distintas categorias nos anos de 2001, 2003, 2007 e 2009.

De fato, a palavra “empreend”¹¹ aparece pela primeira vez em projetos de leis criados no ano de 1993, intensificando-se com o passar dos anos. No ano de 2014, o “Dia do Empreendedor” passa a constar no calendário oficial da cidade, a ser comemorado, anualmente, em 5 de outubro. Um marco dessa nova marca da cidade é a inauguração do Parque Tecnológico¹², inaugurado no ano de 2006.

A Secretaria de Educação da cidade, por exemplo, entendendo que o empreendedorismo é um “traço cultural da cidade” (PMSJC, s.d., on-line), criou diversos programas baseados na “pedagogia empreendedora” que se iniciam já na pré-escola, para crianças de quatro anos de idade. Algumas pesquisas já apontam que a educação empreendedora está criando uma nova cultura na cidade (FIGUEIREDO; DEL MAESTRO FILHO; SANTOS, 2016, p. 179).

Conclusão

Diante do que foi aqui exposto, é possível entender as fases de São José dos Campos, a partir da virada do século XX, pelo esforço em aumentar seu quociente de capital simbólico coletivo, tanto a partir de construções e embates discursivos, quanto de fatos materiais, de maneira a criar marcas únicas para a cidade a fim de captar rendas de monopólio. Talvez seja essa a sua verdadeira vocação – se é que se pode chamar isso ou qualquer outra coisa de vocação.

Referências

- ALMEIDA, Valéria Zanetti de. Cidade e Identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares. Tese de Doutorado em História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008
- BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas I.
- BONDESAN, Altino. São José de Ontem e Hoje. São José dos Campos: JAC Gráfica e Editora Ltda., 1996.
- CORREIO JOSEENSE. São José dos Campos. (Arquivo Público do Município de São José dos Campos). 1920-1950.
- FIGUEIREDO, Aline Campos; DEL MAESTRO FILHO, Antônio; SANTOS, Lucas Maia dos. Carreira tradicional ou moderna? Um estudo com alunos da rede municipal de ensino de São José dos Campos/SP. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v.5, n.1, 2016.
- HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- IBGE. Censo Demográfico 2010 – Resultados do universo. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 out. 2012.
- JULIO, Ricardo. Todo o poder ao povo: as lições que Emanuel Fernandes tirou de seus oito anos na Prefeitura. In: QUEIROZ, A. V. (Org). Com a palavra, o prefeito: perfis e depoimentos dos políticos que governaram São José dos Campos na segunda metade do século. São José dos Campos: Prefeitura Municipal de São José dos Campos, 2008, p. 429-467.
- MANOLESCU, F. M. K.; KROM, V. A dinâmica do desenvolvimento socioeconômico de São José dos Campos. In: PAPALI, M. A. (org.) Histori(cidade)s: Um olhar multipliscinar. São José dos Campos: UNIVAP, 2008.
- MEYER, Marlyse (org). Do Almanak aos Almanques. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001
- MIURA, Veriano Tikuji. Da imagem construída à imagem percebida: Os marcos referenciais urbanos na paisagem de São José dos Campos – SP. Planejamento Urbano e Regional. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba. São José dos Campos: UNIVAP, 2006.
- PAPALI, Maria Aparecida; ZANETTI, Valéria (Org.). Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença. São Paulo: Integraf, 2010. 328 p. (São José dos Campos, História e Cidade, v.4).

¹¹ Ao se buscar “Empreend”, contemplam-se diversas referências ao termo “empreendedorismo”, como “empreendedor”, “empreendedora”, “empreender” etc.

¹² Está em negociação a mudança da lei de zoneamento para possibilitar a instalação de um complexo do Word Trade Center na cidade, já com potencial de se tornar um novo marco dessa fase empreendedora ainda em consolidação.

- MSJC. Prêmio Governador Mário Covas para o Prefeito Empreendedor. São José dos Campos: PMSJC, 2002. 1CD-ROM
- _____. Cadastro de Indústrias de São José dos Campos. São José dos Campos: PMSJC, 2004. Disponível em <https://www.sjc.sp.gov.br/media/26430/cadastro_industrias_2004.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2016.
- _____. Plano Diretor Integrado de Desenvolvimento Integrado: PDDI 2006 – Diagnóstico. São José dos Campos: PMSJC, 2006.
- _____. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Empreendedorismo, s.d. Disponível em: <<http://www.sjc.sp.gov.br/secretarias/educacao/empreendedorismo.aspx>>. Acesso em: 20 dez. 2015.
- SANTOS, Ademir Pereira dos. Arquitetura Industrial: São José dos Campos. São José dos Campos: Takano Ltda., 2006.
- SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (Município). Lei Municipal nº1.623, de 30 de novembro de 1971, Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de São José dos Campos, e dá outras providências. São José dos Campos, SP.
- _____. Lei Complementar nº 121 de 24 de abril 1995. Dispõe sobre a Política Territorial e Urbana do Município, institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Cidade de São José dos Campos, e dá outras providências. São José dos Campos, SP.
- _____. Lei Complementar nº 6812, de 25 de maio de 2005. Autoriza O Executivo Municipal A Celebrar Convênio Com O Estado de São Paulo, Por Intermédio da Secretaria da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo, Objetivando Estabelecer Parceria Para A Realização de Estudos de Viabilidade de Implantação do Parque Tecnológico de São José dos Campos.
- _____. Lei Complementar nº 306 de 17 de novembro de 2006. Aprova e institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado - PDDI do Município de São José dos Campos para o próximo decênio e dá outras providências. São José dos Campos, 2006. Disponível em <<http://www.ceaam.net/sjc/legislacao/leis/2006/Lc0306.htm>>.
- SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Informações municipais. São Paulo. 2016. Disponível em <<http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/tabelas>>. Acesso em: 15 mai. 2016
- SOARES, J.B.S. Tuberculose e Clima. Boletim Médico. São José dos Campos, out. 1933.
- SOUZA, Adriane Aparecida Moreira de y Wanderley Messias COSTA. Análise da reestruturação do parque industrial e da consolidação do município de São José dos Campos, SP, em centro da tecnologia aeroespacial do Brasil. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. En línea. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2010, vol. XIV, nº 331 (18). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-331/sn-331-18.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 75-104.
- VIANNA, Paula Carnevale. Saúde e cidade: uma relação inscrita no espaço e no tempo; a fase sanatorial de São José dos Campos (SP) e sua influência sobre os serviços de saúde da década de 1980. Tese de doutorado em Medicina Preventiva. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2004.
- _____. A Estância Climatérica de São José dos Campos: Condição Natural ou Construção Social? Um Resgate pela Memória. In: PAPALI, Maria Aparecida; ZANETTI, Valéria (Org.). Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença. São Paulo: Intergraf, 2010. p. 51-72. (São José dos Campos, História e Cidade, v.4).
- VIANNA, Paula Vilhena Carnevale; ELIAS, Paulo Eduardo M. Cidade sanatorial, cidade industrial: espaço urbano e política de saúde em São José dos Campos, São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1295-1308, Jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000600005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- ZULIETTI, Luis Fernando. Nas asas da Embraer: urbanização, crise e mudanças em São José dos Campos-SP (1994-2004). Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.